

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi  
NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano VI — Número 61

Janeiro de 1968

## No Limiar de um Novo Ano

No início de um novo ano, nada há mais apropriado do que estabelecer um mínimo de planos para os 12 meses que se seguem.

É nesse sentido que ousamos sugerir alguns objectivos para 1968.

Em primeiro lugar, necessitamos de fazer deste ano um ano de evangelização total. Que entendemos por evangelização total? Subjectivamente, podemos defini-la como a mobilização total de nossas pessoas, talentos e potencialidades. Significa a consagração completa de nossas vidas ao serviço do Senhor; a participação activa de cada membro de igreja em trabalho missionário; a conversão de cada Departamento em instrumento eficiente de evangelização. Objectivamente, podemos defini-la como a tentativa de atingir com o Evangelho o maior número possível de pessoas — na nossa aldeia ou cidade, no nosso Campo missionário, em todo o território confiado a esta União, ou seja, em toda a Angola e S. Tomé.

Em segundo lugar, temos absoluta necessidade de ampliar e aperfeiçoar o nosso sistema de educação. Necessitamos de mais escolas; mas sobretudo precisamos de ter melhores escolas. Isto significa que urge tomar a peito a preparação dos professores, os métodos de ensino e manutenção do espírito de Cristo nas salas de aulas. Podemos não ter muitas escolas, mas não podemos deixar de nos propor como objectivo ter as melhores escolas de Angola e S. Tomé.

Finalmente, carecemos de ampliar a nossa Escola Secundária. O primeiro ciclo, ou ciclo preparatório, já não basta. Urge, sem perda de tempo, construir as instalações, obter o equipamento e assegurar o corpo docente para o segundo ciclo. Só assim poderemos dar um mínimo de educação académica à nossa juventude em geral e aos futuros obreiros em particular.

A realização destes planos não é fácil. Transcende mesmo as nossas possibilidades humanas.

Apenas a intervenção divina a poderá levar a efeito. Unamo-nos, pois, em oração buscando a direcção divina e submetendo-nos a ela.

Deus fará certamente o que sòzinhos não podemos fazer.

E. F.

# O Cristão num Mundo Multirracial

por Robert H. Pierson

Presidente da Conferência Geral

Um dia visitei um comerciante de diamantes em Joanesburgo, África do Sul. Senti-me fascinado ao ver os seus empregados prepararem aquelas pedras preciosas para o mercado.

«Tem diferentes cores de diamantes»? perguntei.

«Sim», respondeu o meu amigo. «Temos aqui diamantes brancos, diamantes amarelos e diamantes pretos».

«São todos de igual valor»? inquiri.

«Sim», assegurou-me ele. «É o tamanho, e não a cor, que determina o valor destes diamantes».

«É usado o mesmo processo no lapidar e facetar os vários diamantes e na remoção dos seus defeitos»?.

«Sim», respondeu de novo o joalheiro. «É usado o mesmo processo».

Esta experiência fez-me pensar — pensar num problema que está agitando as mentes de homens de muitas partes do mundo. Discriminação, segregação e outros antagonismos raciais apresentam-se sob muitas formas e em muitos países por todo o mundo de hoje. Infelizmente, por vezes este problema introduz-se nas próprias fileiras do povo de Deus, causando infelicidade e perturbação. Ali, naquele estabelecimento de um comerciante de diamantes, pareceu-me que estava a solução.

Muitos de nós têm vivido e trabalhado em terras onde a questão racial se apresenta com acuidade.

A mensagem adventista é uma mensagem internacional, interracial, buscando e encontrando diamantes em todas as terras. Diamantes castanhos, diamantes pretos, diamantes amarelos, diamantes brancos, estão sendo lapidados e facetados provindo de todas as partes do mundo em preparação para o Salvador cuja vinda se aproxima.

«Eles serão Meus, diz o Senhor dos exércitos, naquele dia que farei serão para Mim particular tesouro». (Malaquias 3:17). Todos eles são diamantes, todos eles são jóias, não importa a cor que tenham. Requerem o mesmo processo de lapidação nas mãos do grande Mercador de Diamantes.

Qual deve ser a atitude do povo de Deus para com os que têm diferentes origens étnicas das suas? Como devem relacionar-se com povos de outros antecedentes e culturas?

Encontrarei a resposta nas palavras do apóstolo Paulo: «Qualquer atitude que tomeis, tende sempre presente o exemplo de Jesus Cristo». (Fil. 2:5, Phillips). Relacionai com estas palavras o seguinte inspirado conselho: «Estudai cuidadosamente o carácter divino-humano, e inquiri constantemente: 'Que faria Jesus em meu lugar'? Esta deve ser a medida do nosso dever». — *A Ciência do Bom Viver*, págs.490, 491.

Nunca erraremos olhando para Jesus em todas as coisas. Lemos em João 4 acerca da Sua entrevista com a Samaritana junto do poço. Normalmente os judeus não comunicavam com os samaritanos (versículo 9). Havia nacionalismo e racismo nos dias de Jesus. Mas o nosso perfeito Modelo derrubou os muros de separação que artificialmente separavam as pessoas de meios diferentes. Revelou o espírito que deve possuir todo o filho de Deus ao tratar com outros que podem ser de diferente nacionalidade ou cultura. Ele tinha um espírito de magnanimidade, um espírito de tolerância, um espírito de verdadeiro amor. Jesus via em cada alma um diamante potencial na sua coroa de eternidade. A nossa atitude devia reflectir a Sua.

Paulo reafirmou o espírito do seu Mestre quando escreveu: «Não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem femêa; porque todos vós sois um em Cristo Jesus». (Gal. 3:28). «Para com Deus, não há acepção de pessoas» (Rom. 2:11). O espírito de Jesus deve ser o Espírito dos Seus seguidores em todos os países nestes maus dias finais em que imperam o ódio, a suspeita e nacionalismos de todas as variedades. Quer sejamos pretos ou brancos, amarelos ou castanhos, necessitamos de perguntar a nós mesmos: *Que faria Jesus se estivesse em meu lugar?* Como manifestaria Ele o seu amoroso interesse e solicitude?

## A Raça não Determina o Carácter

Durante os passados 35 anos tem sido meu privilégio ajudar a procurar diamantes para Deus em todas as partes do mundo. E temos encontrado verdadeiros diamantes na América do Norte, no Oriente, nas Índias Ocidentais, em África e em muitas outras terras. Descobri há anos que a cor da pele não tem que ver com a condição do coração. Há pessoas boas e pessoas más em todas as raças. Há os que são amáveis em todos os países. Não é a raça de uma pessoa nem a sua condição anterior que determina o seu carácter; é o grau em que se assemelha ao seu Senhor.

Há anos minha esposa estava viajando de autocarro através dos Estados do Sul da América do Norte. Houve uma avaria, e um velho autocarro de socorro foi mandado para levar os passageiros para uma cidade próxima. Estava terrivelmente frio, e minha esposa, com um pequeno rapaz de dois anos ao colo, sofria com o vento gelado que se introduzia através das fendas.

Um jovem negro que ia sentado ao lado do condutor notou como a jovem mãe e o filho sofriam devido ao frio. Tirando o seu casaco, dirigiu-se ao lugar onde minha esposa estava sentada. Ajoelhou-se ao lado dela e envolveu no seu próprio casaco os seus pés para os conservar quentes. Apesar dos seus protestos, insistiu em que ela conservasse nos pés o casaco. Durante o resto da viagem ele ficou a tiritar em mangas de camisa.

Isto passou-se há mais de 25 anos, mas a minha esposa nunca se esqueceu deste delicado acto de bondade.

Ao visitar as nossas estações missionárias em África, repetidas vezes fui levado a pequenos cemitérios, tais como o da velha Solusi. Ali repousam os corpos de missionários que por seu amor pelos homens e mulheres de outra cor deixaram os seus lares e entes queridos para viver e trabalhar em áreas infestadas pelo paludismo. Em muitos casos os seus corpos não tiveram o vigor suficiente para resistir aos ataques da doença, e depuseram as suas vidas ao serviço do povo da sua pátria adoptiva. Ao estar junto dessas sepulturas, agradei a Deus pelo amor de Cristo que transcende o orgulho e preconceito nacional e racial, e nos torna a todos um em Cristo Jesus.

Numa isolada estação missionária de África a esposa de um dos nossos missionários

européus encontrava-se às portas da morte. O médico mais próximo ficava a muitos quilómetros dali. Naquela altura do ano os rios entre aquela estação missionária e o hospital mais próximo estavam transbordando. Mesmo que houvesse um transporte, o missionário não ousaria deixar sòzinha a sua esposa. Como podiam ser trazidos a tempo os medicamentos que lhe salvassem a vida? Um aluno africano ofereceu-se voluntariamente para tentar chegar ao Hospital de Malamulo a fim de obter os medicamentos tão desesperadamente necessários. Durante toda a noite lutou com os elementos hostis, nadando ou vadeando rios e ribeiros infestados de crocodilos. Ele estava cansado. Estava cheio de frio. Estava fraco pelas muitas horas de calcurriar maus caminhos sob a fria chuva. Mas não parou para repousar. A missionária necessitava de auxílio. Aquele bravo rapaz não importava que a pessoa que precisava da sua assistência fosse de outra terra e tivesse a pele de cor diferente da sua. Ambos adoravam o mesmo Deus. Ambos eram um em Cristo Jesus. Experiências como esta podiam ser relatadas de muitos países, incluindo a América.

## Todos Somos um em Cristo

Na América um missionário aposentado, que tinha passado muitos anos em África, como seu país adoptivo, leu na *Review and Herald* acerca das grandes necessidades do campo missionário. O seu coração ficou profundamente impressionado. Ele amava o povo entre o qual havia passado a melhor parte da sua vida. No Banco estavam as suas economias, postas de lado pouco a pouco através dos anos para um dia comprar uma pequena casa em que pudesse viver o resto dos seus dias. Já tinha quase o dinheiro suficiente para comprar a casa. Mas ali estavam as prementes necessidades de África — as necessidades do povo a quem tinha aprendido a amar. Devia o dinheiro ir para a compra de uma casa para si ou devia esse necessitado auxílio ir para seus irmãos africanos a milhares de quilómetros de distância? A decisão não tardou muito a ser feita. Pôs de lado algum dinheiro para um funeral simples quando chegasse a devida altura, e o saldo foi enviado para o país da sua adopção para ajudar a enfrentar as necessidades de um povo a quem considera-

*Continua na pág. 15*

# A Ciência e a Arte de Interpretar a Bíblia

por José Pedro Falcão Sincer

Despretensiosamente iniciamos neste número do *Boletim* uma série de considerações sobre Hermenêutica, pensando que se tornarão úteis aos pregadores voluntários e mesmo a todo o crente adventista.

António de Almeida, no seu *Manual de Hermenêutica Sagrada*, define o termo Hermenêutica como a ciência e a arte de interpretar os textos.

Ciência, porquanto requer princípios seguros e imutáveis; arte, por estabelecer regras práticas.

A aplicação dos princípios e das regras estabelecidas pela Hermenêutica à Palavra de Deus chama-se Exegese.

Aquele que se serve dos conhecimentos que lhe fornece a Crítica e a Hermenêutica chama-se exegeta.

Porque, tanto no Novo Testamento como, e muito mais, no Velho Testamento, existem coisas difíceis de entender que indoutos e inconstantes torcem (ver 2 Ped. 3:16), é necessário que o estudante da Bíblia conheça os princípios de interpretação bíblica.

Não podemos esquecer que entre os que «falaram movidos pelo Espírito Santo», encontramos pessoas de variada categoria social e educação, distanciadas no tempo e no lugar.

Medeiam cerca de 1 500 anos entre o primeiro escritor bíblico — Moisés — e o último — o apóstolo S. João.

Os lugares onde os originais sagrados foram escritos são os mais díspares: a Ásia, areais da Arábia, desertos da Judeia, palácios de Babilónia, etc.

Assim a variedade de pessoas que escreveram os originais sagrados, os usos e costumes das diversas épocas e dos diversos lugares, tiveram sua influência na linguagem bíblica, que só poderá ser correctamente compreendida com o auxílio da Hermenêutica.

O intérprete das Escrituras necessita possuir algumas qualidades de carácter a fim de estar apto a abranger o verdadeiro sentido do texto sagrado.

Enumeremos, entre outras, as seguintes:

1. Supremo amor à verdade. Para tal, necessita de dominar seus preconceitos e par-

tidarismos. Deve lembrar-se de que as verdades bíblicas têm origem divina e que Deus não terá por inocente aquele que as altera para sustentar seus preconceitos, substituindo assim a sabedoria de Deus pela estultícia do homem. Apoc. 22:18, 19; Deut.4:2; Prov. 30:6.

2. Espírito respeitoso, porque não está tratando com um livro humano, mas divino. I Tim. 2:13.

3. Espírito dócil, tomando a Cristo por Mestre. I Cor. 2:14.

4. Paciência no estudo, paciência somente comparável à de quem procura tesouros escondidos. Prov. 2:3-5.

5. Desejo de obedecer à verdade. Sal. 119:5, 10, 11, 33, 35.

6. Espírito de oração. Tiago 1:5-7; Sal. 119:18, 26, 36.

Se as Escrituras têm como objectivo «fazer o homem sábio para a salvação» (II Tim. 3:15, 16), devemos esperar, com razão, que falem com simplicidade e clareza.

Efectivamente, assim é. Em toda a parte claramente entendemos a queda e corrupção do homem e a necessidade imediata de arrependimento e conversão.

Em toda a parte nos é proclamada a remissão dos pecados em nome de Cristo e a salvação pelos Seus méritos e a vida eterna pela fé em Jesus, ou a morte eterna pela incredulidade.

Os deveres cristãos estão claramente explanados.

O plano da salvação é simples e claro.

Mas a par desta simplicidade encontramos coisas difíceis, obscuras, e é para essas que necessitamos de aplicar as regras da Hermenêutica.

Suponhamos que recebemos um documento que muito nos interessa interpretar, pois nossas directrizes futuras devem ser tomadas pelo que nele se contém. Nesse documento existem pormenores de difícil compreensão. Se fosse possível recorrer ao seu autor, tudo se tornaria fácil. Não o sendo, temos que reler o documento, tomando suas palavras e frases no sentido usual e ordinário.

Quanto às palavras obscuras, procuramos

seu sentido no conjunto das frases onde ocorrem.

Mas se ficamos ainda sem luz, procuramos a clareza pelo contexto, pelas frases anteriores ou contíguas ao ponto obscuro.

Não bastando, vamos examinar todo o parágrafo, depois outras partes do documento, pois talvez existam frases ou parágrafos semelhantes mais explícitos, ocupando-se do mesmo assunto.

Isto significa que usamos o documento de tal modo que ele se constitua seu próprio intérprete, evitando o risco de conseguir uma interpretação pouco escrupulosa e interessada.

A Escritura Sagrada deve, pois, tornar-se o seu próprio intérprete.

Podemos, assim, estabelecer as seguintes regras de interpretação bíblica:

1. *Quanto possível, é necessário tomar as palavras no seu sentido usual e ordinário.*

Isto não quer dizer no seu sentido literal, porque devemos ter em conta que cada idioma tem os seus modos próprios e peculiares de expressão e que os escritores sagrados se dirigiram ao povo em linguagem figurada e popular, e daí o abundante uso de figuras de retórica, símiles, parábolas, além de expressões peculiares ao idioma hebraico, denominadas hebraísmos.

Do que fica dito se infere a necessidade de nos familiarizarmos com as figuras e modos peculiares próprios da linguagem bíblica através de um estudo prolongado das Escrituras Sagradas ou uso de um tratado especial.

2. *É absolutamente necessário tomar as palavras no sentido que indica o conjunto da frase.*

3. *É necessário tomar as palavras no sentido que indica o contexto, isto é, os versículos que precedem ou seguem o texto que se estuda, tendo em atenção que o contexto nem sempre se encontra dentro dos limites do capítulo que meditamos, visto os originais não terem os livros divididos em capítulos e versículos.*

4. *É preciso tomar em consideração o designio ou objectivo do livro ou passagem em que ocorrem as palavras ou expressões obscuras e para isso há que lê-lo e estudá-lo repetidas vezes.*

5. *É indispensável consultar as passagens paralelas, isto é, as que têm entre si alguma relação, ou tratam de um modo ou outro o mesmo assunto.*

Existem paralelos de palavras, paralelos de ideias e paralelos de ensinamentos gerais.

Deve procurar-se primeiro o paralelo no mesmo livro ou autor em que se acha; depois nos restantes livros da mesma época e finalmente em qualquer outro, porque o sentido varia segundo o autor que usa a palavra e a época em que se emprega ou ainda segundo o texto em que ocorre no mesmo livro.

---

## O Cristão num Mundo Multirracial

*Continuação da página 3*

va para sempre como seus irmãos em Cristo.

Quando o amor de Cristo está no coração, são derrubadas as barreiras. Quando seguimos a Jesus, somos na realidade um n'Ele.

Assim devia ser! «Não temos todos um mesmo pai»? Este facto torna todos os homens irmãos. «Não nos criou o mesmo Deus»? Somos todos um aos Seus olhos.

Na Divisão Trans-Africana tínhamos obreiros de diferentes países da Europa, obreiros da América do Norte, da Austrália, obreiros cujos antepassados vieram do Oriente, obreiros caucasianos da República da África do Sul, obreiros de dezenas de diferentes tribos espalhadas pelo grande território que se estende do Saará ao Cabo. Na realidade tínhamos umas Nações Unidas — e inquestionavelmente mais unidas do que a organização política do mesmo nome. Sem dúvida, tínhamos problemas, e continuaremos a ter problemas em todas as partes do mundo até que Cristo venha. Mas com Jesus em nossos corações os nossos problemas podem ser solucionados. Porque é assim? Porque Jesus em nossos corações nos habilitará a resolver os nossos problemas no espírito do Mestre. Com a direcção do Seu doce Espírito estes problemas podem ser e são resolvidos.

E agora, não esqueçamos: «Qualquer atitude que tomeis, tende sempre presente o exemplo de Jesus Cristo». «Estudai cuidadosamente o carácter divino-humano, e inquiri constantemente: Que faria Jesus em meu lugar?»

Que o Senhor nos ajude a todos, como Seus filhos e filhas a adoptar a *atitude de Jesus* em nossas relações com aqueles cuja raça, cor ou cultura sejam diferentes das nossas.

# Significado Espiritual da Santa Ceia

por Ernesto Ferreira

Se compararmos o Cristianismo com outras religiões podemos notar desde logo uma diferença fundamental: ao passo que as religiões não cristãs repousam sobre doutrinas, o Cristianismo, sem minimizar o ensino doutrinário, baseia sua razão de ser numa pessoa, a do Salvador Jesus Cristo, em cuja recepção, dependência e união constante encontra a condição indispensável da sua vida espiritual.

O apóstolo João resume a verdade deste facto nas seguintes palavras: «Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida». I João 5:12.

A íntima relação existente entre Cristo e o crente é ilustrada pelos apóstolos por meio de várias expressivas comparações.

É assim que Paulo se refere a Cristo como sendo a cabeça do corpo de que nós somos membros. Segundo a epístola aos Efésios, Deus «O constituiu como cabeça da Igreja, que é o Seu corpo, a plenitude d'Aquele que cumpre tudo em todos». Lemos na mesma epístola: «Seguindo a verdade, cresçamos em tudo n'Aquele que é a Cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor». Efes. 1:22, 23; 4:15, 16.

Outra comparação usada, tanto por Paulo como por Pedro, é a de um edifício de Cristo é a pedra angular e nós as paredes. Segundo o apóstolo Paulo, somos «edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito». Efes. 2:20-22. Por sua vez, Pedro exprime-se assim: «Ele é a Pedra, que foi rejeitada por vós os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos». Actos 4:11, 12. E na sua primeira epístola, o mesmo apóstolo escreve: «Chegando-vos para Ele, pedra vida, reprovada, na verdade, pelos homens, mas

para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrificios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo». I Ped. 2:4, 5.

O próprio Jesus usou diversas comparações para ilustrar a íntima dependência em que, em relação a Ele, se encontra o crente.

A Igreja é como um rebanho, de que Cristo é o pastor: «Eu sou o Bom Pastor, e conheço as Minhas ovelhas, e das Minhas sou conhecido. Assim como o Pai Me conhece a Mim, também Eu conheço o Pai, e dou a Minha vida pelas ovelhas. E ainda tenho outras ovelhas, que não são deste aprisco; também Me convém agregar estas, e elas ouvirão a Minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor». João 10:14-16.

A comparação do Pastor e do rebanho sugere a de aprisco como local de reunião das ovelhas. Esse lugar de refúgio deve ter uma porta que lhe dê acesso. Disse o Mestre: «Em verdade vos digo que Eu sou a porta das ovelhas... Eu sou a porta; se alguém entrar por Mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá e achará pastagens». João 10:7, 9.

Cristo é o único meio pelo qual podemos chegar a Deus. Para explicar esse facto, Ele recorre a outra comparação — à do caminho: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim». João 14:6.

A nossa união com Cristo é de uma importância tão vital como a dos ramos de uma árvore em relação ao tronco. Disse Jesus: «Eu sou a videira verdadeira, e Meu Pai é o lavrador... Estai em Mim, e Eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós se não estiverdes em Mim. Eu sou a Videira, vós as varas; quem está em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer». João 15:1-5.

O homem nas trevas do erro e do pecado carece de luz. Essa luz encontra-se em Cristo: «Eu sou a luz do mundo; quem Me segue não andarão em trevas, mas tem a luz da vida». João 8:12.

Insatisfeita, na sua ânsia de vida perene, a alma sequiosa deseja densedentar-se. Mas

onde encontrar a água viva que mitigue a sua sede? Diz Ele: «Se alguém tem sede, venha a Mim, e beba». João 7:37.

Para salientar, porém, dum modo mais perfeito, o pensamento da nossa completa dependência d'Ele, o Salvador serve-Se doutra comparação: assim como necessitamos de comer para vivermos, assim também carecemos de Jesus para termos a vida eterna.

## Jesus, o Pão da Vida

O Senhor realizara o grande milagre da primeira multiplicação dos pães. Após esse milagre, a multidão pretendia arrebatá-lo para O fazer rei. Ele, porém, retirou-Se.

No dia seguinte, na sinagoga de Cafarnaum, o Mestre fez um dos Seus mais notáveis discursos acerca da verdadeira natureza da Sua pessoa e missão, o qual se encontra registado no capítulo 6 de João.

Tomando como ponto de partida o facto de na véspera terem comido do pão por Ele multiplicado, Jesus fala de outro pão — o verdadeiro pão do Céu.

Pediram-Lhe então os ouvintes: «Senhor, dá-nos sempre desse pão». Vers. 34.

Jesus respondeu-lhes: «Eu sou o pão da vida; aquele que vem a Mim não terá fome; e quem crê em Mim nunca terá sede... Eu sou o pão vivo que desceu do Céu; se alguém comer deste pão viverá para sempre; e o pão que Eu der é a Minha carne, que Eu darei para vida do mundo... Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia. Porque a Minha carne verdadeiramente é comida, e o Meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue permanece em Mim e Eu nele». Vers. 35, 51, 53-56.

A maior parte dos ouvintes não puderam, ou não quiseram, compreender o alcance destas palavras, dando-lhes um sentido meramente literal. Arrazoavam entre si: «Como pode dar Este a Sua carne a comer?... Duro é este discurso; quem o pode ouvir?» Vers. 52, 60.

Jesus, todavia, frisou bem que as Suas palavras não deviam ser tomadas literalmente: «O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos disse são espírito e vida». Vers. 63.

Foi a partir dessa altura que muitos dos

Seus discípulos O abandonaram. «Então disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos»? Vers. 67.

Pedro, interpretando o sentir dos seus companheiros, respondeu: «Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós temos crido e conhecido que Tu és o Cristo, o Filho de Deus». Vers. 68, 69.

O que se tornava necessário não era, pois, comer e beber literalmente a carne e o sangue de Jesus, como interpretaram os que O abandonaram, mas reconhecer em Jesus o Salvador, e nas Suas palavras a ciência da salvação, como compreenderam, e muito bem, os que com Ele permaneceram.

## Instituição da Santa Ceia

Para que a nossa íntima dependência de Cristo, como condição *sine qua non* de vida espiritual, pudesse ficar bem clara e duradoura na mente dos crentes, Jesus instituiu a Santa Ceia — não simples ilustração verbal, mas ilustração activa, dramática, sábia-mente adaptada à tendência psicológica humana para o visível e concreto.

Jesus escolheu para instituir esta cerimónia os momentos que precederam a Sua própria morte expiatória.

Pondo de lado alguns pormenores secundários, lembremos o essencial desta instituição.

Jesus tomou pão sem fermento (ver Luc. 22:1; cfr. Ex. 12:2-8, 15, 17-20) e, partindo-o, o distribuiu pelos discípulos, dizendo: «Tomai, comei; isto é o Meu corpo, que é partido por vós; fazei isto em memória de Mim» (I Cor. 11: 24; cfr. Mat.26:26; Marc. 14:22; Luc.22:19).

Seguidamente, distribuiu por eles um cálice de vinho e mandou-lhes que bebessem, dizendo: «Este cálice é o novo testamento no Meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de Mim» (I Cor. 11:25; cfr. Mat. 26:27, 28; Marc. 14:24; Luc. 22:20).

E terminou: «Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que venha». I Cor. 11:26.

## A Santa Ceia e a Ceia Pascal

A Santa Ceia, que tem por objecto «Cristo, nossa páscoa» (I Cor. 5:7), está intimamente relacionada com a Ceia Pascal.

Circunstâncias semelhantes ocasionaram

a instituição de ambas as cerimónias. Uma foi instituída antes da libertação do cativo do Egito; outra antes do sacrificio expiatório que libertou o homem do cativo de Satanás.

Em ambas são usados elementos materiais: na Ceia Pascal, o cordeiro, os pães asmos e as ervas amargas; na Santa Ceia, o pão e o vinho.

Ambas estas cerimónias têm um carácter simbólico.

Em ambas elas se opera individualmente uma apropriação espiritual por meio da recepção de elementos materiais.

A Santa Ceia foi instituída na altura precisa em que o Divino Antítipo devia celebrar pela última vez com os Seus apóstolos a Ceia Pascal em que Ele próprio era tipificado.

A Ceia do Senhor vinha, pois, substituir a Ceia Pascal.

### Natureza da Cerimónia Pascal

A cerimónia da Páscoa era altamente simbólica.

Ainda hoje, pouco depois do início da cerimónia, um dos participantes mais novos faz a pergunta: «Porque é esta noite diferente de todas as outras noites? Porque é que em todas as outras noites podemos comer pão com fermento ou sem fermento e, nesta noite, somente pães asmos? Em todas as outras noites comemos qualquer espécie de ervas, mas, nesta, somente ervas amargas? Em todas as outras noites comemos carne assada, frita ou cozida, e, nesta, somente assada?»

Segundo o Talmud, feitas estas perguntas, «em seguida o pai instrui o seu filho, segundo a sua capacidade de conhecimento, começando pela nossa desgraça e terminando com a nossa glória». (1)

Dizia o rabi Gamaliel, a cujos pés aprendeu o apóstolo Paulo: «Quem quer que não saiba explicar três coisas na Páscoa não cumpriu o seu dever. Estas coisas são: o cordeiro pascal, os pães asmos e as ervas amargas. O cordeiro pascal significa que Deus passou (poupando-as) pelas casas dos nossos pais, aspergidas com sangue; os pães asmos significam que os nossos pais foram libertados do Egito (à pressa); as ervas amargas significam que os egípcios tornaram amarga a vida de nossos pais no Egito». (2)

Mas a cerimónia pascal, dramatizando a libertação do cativo, não era apenas simbólica; ela tornava pessoal essa libertação.

«É necessário que através de todas as gerações cada israelita saiba que foi salvo da escravidão do Egito», dizia a Mishna. (3)

«Isso significa que cada um, ao recordar a libertação do Egito, deve saber que foi ele o objecto do acto redentor, a qualquer geração que pertença... Tomando lugar à mesa posta no dia 14 de Nisan, o israelita confessava ter sido ele, pessoalmente, libertado do Egito. Não bastava aprender, ao ser lido o livro de Êxodo pelo pai de família, que pertencia ao povo que foi objecto da dilecção divina. Era necessário estar directamente envolvido na acção redentora. Era necessário descobrir que o amor de Deus visa cada um e abrange, desde os tempos antigos e por cima da diversidade dos séculos, todos os que são chamados a participar dos seus benefícios». (4)

Esta cerimónia, apesar do seu carácter simbólico, tornava-se tão real que uma fórmula muito antiga, que pode remontar ao tempo de Jesus, dizia do pão pascal: «*Isto é o pão da aflicção* que nossos pais comeram quando saíram do país do Egito». (5)

Ainda hoje, entre alguns judeus, é costume o chefe de família, no momento de repartir o cordeiro assado, pronunciar as palavras rituais: «Tomai, comei, porque *isto é a Páscoa do Senhor*». (6)

### Natureza da Cerimónia da Santa Ceia

Assim como a Ceia Pascal tinha um carácter simbólico, também a Santa Ceia se caracteriza pelo seu simbolismo.

Considerá-la como uma repetição incruenta do sacrificio de Cristo constituiria uma contradição flagrante do ensino das Escrituras.

Estas ensinam claramente que o sacrificio de Jesus, perfeito na sua eficácia, foi realizado só uma vez, não podendo ser repetido cruenta nem incruentamente.

Com efeito, lemos em Heb. 7:26, 27: «Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os Céus; que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrificios, primeiramente por seus próprios pecados e depois pelos do povo; porque isto fez Ele, *uma vez* (Trad. da Difusora Bíblica: *de uma só vez e para sempre*), oferecendo-Se a Si mesmo».

Vemos igualmente em I Ped. 3:18 que

«Cristo padeceu uma vez (grego: *hapax*, uma vez por todas), pelos pecados».

Tampouco estaria de acordo com as Sagradas Escrituras considerar a Santa Ceia como a oferta ou oblação feita ao Pai do sacrifício perfeito de Jesus, renovada pelos crentes na qualidade de membros do Corpo Místico de que Cristo é a Cabeça.

Segundo a Bíblia, só Jesus tem capacidade para ser o sacerdote com poderes para apresentar ao Pai a oblação dos méritos do Seu sacrifício: «Este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à dextra de Deus, porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados... Ora, onde há remissão destes (dos pecados), não há mais oblação pelo pecado». (Trad. da Difusora Bíblica: «Ora, onde há remissão dos pecados, já não há necessidade de oferenda pelos pecados»). Heb. 10:12, 14, 18.

Por outro lado, o carácter simbólico da Santa Ceia dificilmente se harmonizaria com a interpretação das palavras «Isto é o Meu corpo» e «Isto é o Meu sangue», no sentido de que o pão e o vinho se convertem realmente no corpo e sangue de Jesus.

Nas Sagradas Escrituras, tanto do Antigo como do Novo Testamento, nem sempre o verbo ser estabelece uma identidade essencial entre os dois membros da proposição.

É assim que os profetas e salmistas diziam que Deus é um sol, uma rocha, um escudo, uma fonte de águas, etc.

Quando o Precursor apontou para Jesus disse que Ele era o Cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo; Cordeiro que, além da mesma designação, é designado no Apocalipse como «o Leão da tribo de Judá» (Apoc. 5:5).

Jesus empregou idêntica linguagem quando, referindo-Se a João Baptista, disse que esse profeta era o Elias que havia de vir, ou quando, como vimos acima, disse de Si mesmo que Ele era o pão vivo que desceu do Céu, a água da vida, a luz, a pedra de esquina, o caminho, a porta, a videira verdadeira.

Na própria instituição da Santa Ceia, o Mestre empregou a mesma linguagem metafórica quando disse, referindo-Se ao cálice: «Este cálice é o novo testamento no Meu sangue». Luc. 22:20.

O apóstolo Paulo apresenta uma elucidativa explicação destes textos quando, referindo-se à participação do vinho e do pão, diz que são a comunhão do sangue e do corpo de Cristo, da mesma maneira que a

participação dos sacrifícios gentílicos é a comunhão dos demónios. E conclui: «Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demónios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demónios». I Cor. 10:16-21. É evidente que o apóstolo não compreendia que os elementos da mesa dos demónios se transformassem nos próprios demónios, do mesmo modo que os elementos da mesa do Senhor se não transformavam no corpo e sangue de Jesus.

Em todos estes casos, e noutros que se poderiam assinalar nas Escrituras e na nossa linguagem corrente, quando é empregado o verbo ser, este designa uma identidade simbólica e não uma identidade essencial.

Assim o compreenderam alguns dos mais ilustres escritores eclesiásticos dos primeiros tempos do Cristianismo.

Tertuliano (sec. II), no tratado *Adversus Marcionem*, exprime-se nestes termos: «Deus assim revelou no vosso Evangelho, chamando ao pão Seu corpo, a fim de que por isso entendas que Ele deu ao pão o ser a figura do Seu corpo». (III, 19).

No livro *De Anima*, 17, diz o mesmo escritor que Cristo «consagrou o vinho em comemoração do Seu sangue».

Eusébio de Cesareia (sec. IV): «Não creiais que Eu falo da carne de que estou revestido, como se vos fosse necessário comê-la. Não penseis que vos prescrevo beber o Meu sangue sensível e corporal. Sabeis perfeitamente que as Minhas palavras são espírito e vida». (*De Ecclesiastica Theologia*, III, 12). E no seu livro *Demonstratio Evangelica*, VIII, 3: «Cristo mesmo deu os símbolos da economia divina a Seus discípulos, ordenando que deles se fizesse a imagem do Seu próprio corpo. Mandou que usassem o pão como símbolo do Seu próprio corpo».

No mesmo século escreveu Cirilo de Jerusalém: «Participemos com toda a confiança como se fora do corpo e sangue de Cristo, porque no tipo do pão te é dado o corpo e no tipo do vinho te é dado o sangue de Cristo». (*Catecheses Mystagogicas*, III, 3). S. João Crisóstomo, também no século IV: «Antes que o pão seja consagrado, chamamos-lhe pão; porém, quando a graça de Deus, mediante o sacerdote, o tem consagrado, já não é mais chamado pão, mas sim considerado digno de ser chamado corpo do Senhor, ainda que a natureza do pão permaneça nele». (*Epistola ad Caesareum*).

S. Agostinho, no sec. V, escreveu no tratado *Contra Adimantum*, XII, 3: O « Senhor

não duvidou dizer: Isto é o Meu corpo, quando deu o sinal do Seu corpo». E noutro livro (*De Civitate Dei*, XVIII, 48), estabelece a seguinte norma geral de hermenêutica: «Todo o símbolo parece, de certa maneira, sustentar a personalidade das coisas que significa; assim, o apóstolo diz: 'A pedra era Cristo', porque a pedra de que fala significava Cristo».

Num Comentário ao Evangelho de S. João, exemplifica esta norma o mesmo Doutor da Igreja: «Cristo é metafóricamente muitas coisas que, estritamente falando, Ele não é. Metafóricamente Cristo é, ao mesmo tempo, rocha, porta, pedra angular, pastor, leão e cordeiro. Quão numerosas são tais comparações! Mas, se desejarmos a significação estrita, então Ele não é nem rocha, porque não é duro e pesado; nem porta, porque nenhum marceneiro O construiu; nem pedra angular, porque nenhum construtor O empregou como tal; nem pastor, porque Ele não é guardador de quadrúpedes; nem leão, porque não ataca os animais; nem cordeiro, porque não pertence a nenhum rebanho. Todos esses títulos servem como analogias».

Alguns papas pronunciaram-se também claramente neste sentido. Tomemos o exemplo do papa Gelásio (sec. V), que escreveu o seguinte, o que não o impediu de ser canonizado: «O sacramento do corpo e sangue de Cristo é verdadeiramente coisa divina, mas o pão e o vinho permanecem em sua substância e natureza de pão e vinho». (*De Duabus Naturis*).

Através da Idade Média o assunto foi objecto de duas grandes controvérsias.

A primeira foi provocada pelo livro de Pasceio Radberto, *De Corpore et Sanguine Domini*, publicado em 831 em defesa da presença real. Contra ele escreveu Ratramno outro livro com o mesmo título, no qual defende que as palavras de Cristo devem ser tomadas em sentido figurado. Outro seu adversário foi Rabano Mauro, arcebispo de Maiença, que declara: «Alguns imaginam que no sacramento do corpo e do sangue do Senhor se encontram o mesmo corpo e o mesmo sangue de Cristo que foram tomados da Virgem Maria. Eu escrevi *contra este erro* e mostrei o que é necessário crer a este respeito». (*De Institutione Clericorum*, I, 31).

A segunda controvérsia eucarística da Idade Média teve lugar no século XI, tendo Lanfranc e Berengário de Tours defendido, respectivamente, a presença real e a presença simbólica de Jesus na Santa Ceia.

No século XII, pela primeira vez, que se saiba, foi usada a palavra transubstanciação, para designar a transformação da substância do pão e do vinho na substância do corpo e sangue de Jesus.

A transubstanciação foi adoptada como doutrina oficial e definida como tal no IV Concílio de Latrão, em 1215.

O célebre franciscano João Duns Escoto, escrevendo sobre o IV Livro das Setenças de Pedro Lombardo (Dist. 11, quaest. 3), diz que não se encontra em parte alguma da Bíblia um texto que possa sem a determinação da Igreja, constringer a crer na transubstanciação.

O Cardeal Belarmino, no seu tratado sobre a Eucaristia, livro III, referindo-se a esta passagem, escreve: «Escoto diz que não se encontra nenhum lugar da Escritura tão expreso que constringa evidentemente, sem declaração da Igreja, a receber a transubstanciação. E isso não é de todo improvável. Pois ainda que a Escritura que alegamos acima nos pareça tão clara que leve a constringer uma pessoa não insolente, todavia pode-se em bom direito duvidar se isso é assim, visto que homens muito doutos e muito agudos, como o foi sobretudo Escoto, são de parecer contrário».

E no mesmo lugar salienta o referido teólogo que Escoto afirma não ter sido a transubstanciação um artigo de fé antes do IV Concílio de Latrão.

Não admira que o Cardeal Caetano, nas suas notas sobre S. Tomás (*In III Thomae*, quaest. 75, art. 1), tenha escrito: «O outro ponto que o Evangelho não explica expressamente, nós o recebemos da Igreja, a saber, a conversão do pão no corpo de Cristo».

Vemos, pois, que a transubstanciação é uma interpretação puramente eclesiástica do que se passa na Santa Ceia, interpretação essa que está longe de ser unânime entre os teólogos, quer antigos quer modernos.

É por isso que hoje começam alguns teólogos a substituir, embora timidamente, a noção de transubstanciação pela de transignificação...

### A Ceia do Senhor, Vínculo de Comunhão Cristã

O facto de os elementos físicos da Santa Ceia não se terem transformado literalmente no corpo e sangue de Jesus não deve levar-nos de forma alguma a minimizar o significado espiritual e o alcance prático desta cerimónia.

Em primeiro lugar, quando a celebramos trazemos à mente a adorável pessoa de Jesus. Esse propósito adprende-se claramente das Suas palavras: «Fazei isto em memória de Mim». Luc. 22:19; I Cor. 11:25. Reconhecemos por este meio a nossa dependência de Cristo como condição única de vida espiritual. Da mesma maneira que não podemos viver sem comer, também não podemos ter a verdadeira vida sem receber Jesus como nosso Salvador.

Esta cerimônia é, em segundo lugar, uma lembrança subjectiva e uma proclamação pública do sacrificio de Jesus em expiação pelos nossos pecados. Como disse o Mestre, «Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor». I Cor. 11:26.

Em relação com esse sacrificio, ela é um memorial da nova aliança entre Deus e os homens. E assim como as alianças ou concertos do Antigo Testamento eram firmados com sangue, também o foi aquela em que Deus nos promete a salvação pela graça mediante a fé: «Isto é o Meu sangue, o sangue do novo testamento (Trad. da Difusora Bíblica: sangue da aliança), que é derramado por muitos, para remissão dos pecados». Mat. 26:28.

A Santa Ceia permite-nos que nos apropriemos, individualmente, da pessoa de Jesus e da eficácia do Seu sacrificio. Colocamos-nos, assim, em comunhão com o Salvador. «Porventura o cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo»? I Cor. 10:16.

A Ceia do Senhor não é, pois, apenas uma cerimônia simbólica. Nela dá-se um encontro pessoal com Jesus, nas condições em que esse encontro é possível desde a Sua ascensão até à Sua segunda vinda, isto é, pelo Seu Espírito.

Essa comunhão é uma necessidade permanente da vida cristã. É por isso que o baptismo, ordenança da regeneração, se celebra só uma vez, ao passo que a Santa Ceia, ordenança da santificação, se celebra com frequência.

A Santa Ceia não é apenas uma ocasião de encontro entre o crente e o Salvador. Sentados à mesma mesa, em comunhão com a mesma Pessoa Divina, os crentes põem-se em comunhão uns com os outros. «Nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo: porque todos participamos do mesmo pão».

I Cor. 10:17. É assim que a Ceia do Senhor reveste igualmente o carácter de ágape, refeição de amor fraternal, a que se refere o apóstolo Paulo na sua primeira epístola aos Coríntios, reprimindo os abusos em relação com ela verificados.

Memorial da pessoa e do sacrificio de Jesus, ocasião de comunhão com os que com Ele estão unidos pela mesma fé, a Santa Ceia é repassada de sentimentos de gratidão, de paz e de alegria cristã. É uma verdadeira Eucaristia, ou, em linguagem mais corrente, uma cerimônia de acção de graças. Nela, são partilhados os sentimentos expressos pelos salvos em Apocalipse 5:12: «Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e acções de graças».

Esta refeição, tão simples e tão significativa, constitui, finalmente, a antecipação do banquete das bodas do Cordeiro, em que os remidos serão recebidos por Jesus na Sua vinda e no Seu reino. Cada vez que a celebramos, os nossos pensamentos transportam-se para o dia glorioso da vinda do Senhor. Realizando esta cerimônia, disse Jesus, «anunciais a morte do Senhor, até que venha». I Cor. 11:26. Assim como a Ceia Pascal devia continuar até à primeira vinda de Cristo, também a Ceia do Senhor deve continuar até à Sua segunda vinda. Agora bebemos, na Sua ausência, o fruto da vide; mas chegará o dia em que Jesus, segundo a Sua promessa, «o beba de novo convosco no reino de Meu Pai». Mat. 26:29.

Os judeus, desde os tempos da sua dispersão, exclamam ao celebrarem o banquete pascal: «A próxima vez, em Jerusalém!»

Os crentes, ao celebrarem a Santa Ceia, podem também exclamar, com jubilosa esperança: «A próxima vez, com Ele na Nova Jerusalém!»

«Ora vem, Senhor Jesus!»

## Referências

1 — *Mishna, Pes. 10:4*. Apud Alfredo Edersheim, *Festas de Israel*, União Cultural Editora Ltda., São Paulo, págs. 51, 52.

2 — *Ibid.*, págs. 48, 49.

3 — Apud E. J. Leenhardt, *Ceci est Mon Corps*, Delachaux et Niestlé, Neuchatel et Paris, 1955, pág. 23.

4 — *Ibid.*, págs. 50, 51.

5 — *Ibid.*, pág. 29.

6 — Apud Samuel Vila, *A las Fuentes del Cristianismo*, Instituto Bíblico Moody, Chicago, 3.<sup>a</sup> edição, 1951, pág. 43.

# A Agricultura e o Plano de Deus para o Homem

por José de Sá

Com o presente trabalho é iniciada hoje uma série de artigos sobre agricultura, da autoria do Pastor José de Sá, director da Missão Adventista do Quicuco.

«E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavar e o guardar». Gén. 2:15.

Foram dois os principais objectivos de Deus ao criar a Terra e o Homem. O primeiro, e com toda a razão, pois não podia ser de outro modo, foi para a glória do Seu nome; o segundo, para felicidade dos seres acabados de criar. «Os que criei para Minha glória». Isa. 43:7. Vemos assim que Deus criou o Mundo para a Sua glória e para o bem de toda a alma vivente.

A felicidade do homem só podia ser mantida mediante uma actividade útil e ao mesmo tempo salutar, não cansativa nem tediosa, fonte inesgotável de são prazer e de constantes e agradáveis surpresas. Ocupação que mantivesse activas as mãos e a mente, e desenvolvesse harmoniosamente os músculos e nervos do corpo; ocupação no todo aprazível e inesgotável, capaz de ser sempre necessária, sem todavia esgotar a terra ou a sua força produtora. Isto poderia ser obtido plenamente no Eden de Deus se não tivesse surgido a triste história da transgressão e pecado de Adão e Eva.

Embora o plano original de Deus para a Terra e o Homem tivesse de ser mudado — ainda que por um tempo determinado — a Terra continua a constituir um dos poucos campos de actividade que proporcionam ao homem um verdadeiro prazer, útil a si e necessário ao bem-estar comum. «Até o rei se serve do campo». Ecles. 5:9.

Sem o campo, sem a agricultura, não era possível a vida sobre a Terra. Da agricultura provém a maior e a melhor parte da alimentação do homem e de todos os seres vivos. A primeira ocupação do primeiro homem foi «lavar e guardar a terra», por outras palavras, lavar ou trabalhar na terra e guardar ou cuidar dos produtos da terra. E a última ocupação, que jamais terá fim, será ainda o cultivo da terra: «Porque eis

que Eu crio novos Céus e nova Terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão. Mas vós folgareis e exultareis perpétuamente no que Eu crio: porque eis que Eu crio para Jerusalém alegria e para o seu povo gozo. ...Plantarão vinhas e comerão o seu fruto». Isa. 65:17, 18 e 21, última parte.

Se, ao sair das mãos do Criador, a Adão foi dado o cultivo da terra; se aos justos é prometida a Nova Terra como sua herança eterna para a cultivarem, será demais afirmar que a agricultura é hoje, neste mundo de pecado, a melhor ocupação a que o homem se pode dedicar? Esta é a minha convicção. Nenhum ramo de actividade é mais valioso do que a agricultura.

E. G. White diz sobre tão importante tema: «Deve-se ministrar instrução em agricultura. ...Devem ser providas hortas. ... e o trabalho em todo o ramo cumpre estar sob a direcção de instrutores hábeis. ... Os gastos com hortas, oficinas e banhos seriam mais do que correspondidos pelas economias nas despesas com hospitais e escolas disciplinares». — *Educação*, págs. 218, 219.

«Como descanso ao estudo, ocupações ao ar livre que proporcionem exercício ao corpo todo, são o que há de mais benéfico. Nenhum ramo de trabalho é mais valioso do que a agricultura. Deve fazer-se um esforço maior a fim de criar e acoçoar interesse nas lidas da agricultura. Chame o professor a atenção para o que diz a Bíblia sobre a agricultura: que cultivar a terra era o plano de Deus para com o homem; que ao primeiro homem, o governador do mundo inteiro, foi dado um jardim — uma horta — para cultivar; e que muitos dos maiores vultos do mundo, a verdadeira nobreza deste, foram cultivadores do solo. Mostrai as oportunidades de uma vida tal. Diz o Sábio: 'Até o rei se serve do campo'. A Bíblia declara acerca daquele que cultiva o solo: 'O

seu Deus o ensina e o instrui acerca do que deve fazer'. Isa. 28:26. Diz mais: 'O que guarda a figueira comerá do seu fruto'. Prov. 27:18». — *Educação*, pág. 219.

### **Ricas bênçãos asseguradas aos moradores do campo**

«A terra tem em suas profundezas bênçãos ocultas para os que têm coragem, disposição e perseverança em ajuntar seus tesouros. ... Muitos agricultores têm falhado em arrancar do solo adequados lucros porque não avaliam o trabalho, como se ele fosse ocupação degradante. Não vêem que há nela uma bênção para si e para as suas famílias.

### **Deus instruirá e ensinará**

«Aquele que ensinou Adão e Eva no Éden a cuidar do jardim gostaria de instruir os homens de hoje. Há sabedoria em favor daquele que maneja o arado e planta e semeia a semente. A terra tem seus tesouros escondidos, e o Senhor gostaria de ter trabalhando o solo milhares e dezenas de milhares que estão aglomerados nas cidades à espera de uma oportunidade para ganhar uma bagatela.... Os que tomam suas famílias e as levam para o campo colocam-nas onde terão menos tentações. Os filhos que estão com os pais que amam e temem a Deus estão em todo o sentido melhor situados para aprender do Grande Mestre, o qual é a Fonte e Manancial da sabedoria. Têm eles oportunidade muito mais favorável de se tornarem aptos para o reino do Céu.

Céu. — *O Lar Adventista*, págs. 142, 144.

### **Dai lições práticas de Agricultura**

«Dentre as lições quase inumeráveis ensinadas pelos vários processos de crescimento, algumas das mais preciosas são apresentadas nas parábolas do Salvador sobre a semente. Contêm lições para velhos e novos. ...

«A germinação da semente representa o começo da vida espiritual, e o desenvolvimento da planta é uma figura do desen-

volvimento do carácter. ... Procurando os pais e os professores ensinar estas lições, este trabalho deve fazer-se prático. Que as próprias crianças preparem o terreno e semeiem a semente. Enquanto trabalham, o pai ou o professor pode explicar o jardim do coração, com a boa ou a má semente ali semeada, e mostrar que, como o jardim deve ser preparado para a semente natural, assim deve o coração ser preparado para a semente da verdade. ... Ninguém se estabelece em um trecho de terra inculta com a expectativa de que de pronto ela forneça uma colheita. Deve empregar no preparo do solo um trabalho diligente, perseverante, bem como na semeadura e cultivo da plantação. Semelhantemente deverá ser na semeadura espiritual». — *O Lar Adventista*, págs. 145, 146.

### **Pais: Formai lares no campo**

«Por todo o tempo em que Deus me der poder para falar a nosso povo, continuarei a convidar os pais a que deixem as cidades e formem lares no campo, onde possam cultivar o solo e aprender do livro da Natureza as lições de pureza e simplicidade. As obras da Natureza são ministros silenciosos de Deus, a nós dados para que nos ensinem verdades espirituais. Elas nos falam do amor de Deus e declaram a sabedoria do Grande Artista.

«Eu amo as belas flores. Elas são lembranças do Eden, apontando o bendito pais em que, se formos fieis, logo entraremos. O Senhor me está guiando a mente para as salutares propriedades das flores e das árvores». *Ibid.*, págs. 146, 147.

«Caso a terra seja cultivada, há-de, com a bênção de Deus, suprir as nossas necessidades. Não nos devemos desanimar por causa de coisas temporais, por causa de aparentes fracassos, nem ficar desanimados pela demora. Com o cultivo apropriado e inteligente, a terra dará seus tesouros para benefício do homem». — *Testemunhos Selectos*, Ed. Mundial, vol. 2, pág. 444.

«Trabalhar na terra é uma das melhores espécies de ocupação, chamando à acção os músculos e repousando a mente. O estudo do ramo da agricultura deve ser o A B C da educação dada em nossas escolas. Esse deve ser justamente o primeiro trabalho a iniciar». — *Ibid.*, pág. 445.

# Interesse a favor dos Membros ausentes e dos Antigos Membros

Pelo Conselho da União foi recentemente votada a seguinte resolução:

*Considerando* que cada igreja tem necessidade dum plano definido para procurar os membros ausentes e os antigos membros e os reconduzir;

*Considerando* que os campos missionários e os pastores obtêm excelentes resultados nas igrejas em que tais planos são executados,

*Recomendamos:*

I — Que seja dado o estudo à execução do seguinte programa, conhecido sob a designação de «Interesse».

II — Que o programa «Interesse» compreenda 3 fases: A. *Atingir* os membros ausentes e os antigos membros. B. Preparar a igreja para os receber de novo. C. *Conservá-los* na igreja.

A. ATINGIR os membros ausentes e os antigos membros.

1. Que o Conselho da igreja local delibere com o Pastor e considerem em conjunto a situação a fim de reencontrar todos os membros ausentes e os antigos membros que habitam nos arredores. As primeiras fontes desta informação podem ser constituídas pelos registos da igreja, listas fornecidas pelos colportores evangelistas e nomes submetidos pelos membros.

2. Que a igreja se esforce sinceramente por os reconduzir pelos meios seguintes:

a) Grupos de oração.

b) Equipas «Interesse» designadas pelo Conselho da igreja de acordo com o Pastor, cujo fim seria demonstrar o zelo da igreja e o seu interesse em reatar relações amigáveis pessoais.

c) Estas equipas, depois de terem sido instruídas e formadas convenientemente, visitarão as pessoas que lhes são designadas e lhes entregarão um pacote «Interesse». Este pacote compreenderá:

(1) Um exemplar de um número do Boletim Adventista especialmente preparado para esse efeito.

(2) Um trimensário da Escola Sabatina.

(3) Uma carta pessoal do director do campo e / ou do Pastor local.

(4) Uma brochura de 4 a 8 páginas con-

tendo mensagens apropriadas bem ilustradas.

d) As equipas «Interesse» continuarão com as suas visitas semanais até que as pessoas a quem dedicam o interesse voltem à igreja ou indiquem claramente que preferem não ser incomodadas. As equipas deveriam limitar-se a duas ou três pessoas para que este trabalho possa ser realizado fielmente.

e) Um clube do Boletim Adventista será estabelecido pela igreja e as equipas deixarão o último número às pessoas visitadas.

f) Reuniões periódicas realizadas pelo Pastor com as suas equipas «Interesse», a fim de apreciar os resultados, examinar os problemas particulares e dar conselhos de acordo com as necessidades.

g) Os serviços das igrejas deveriam ser preparados em função de «Interesse», e sempre que seja possível o programa das reuniões de domingo à noite ou de outras reuniões de evangelização será estabelecido com o objectivo de obter decisões.

h) Um coordenador «Interesse» deveria ser designado pelo Conselho da Igreja para ajudar o Pastor a obter a cooperação de cada departamento da igreja neste esforço, nomeadamente da Escola Sabatina, dos M.V., das Publicações e das Actividades Leigas.

## B. RECEBER

1. Os membros de igreja deviam estar em condições de receber no seu meio os que são atraídos pela campanha «Interesse».

a) Que os membros de igreja sejam conduzidos numa experiência de despertamento da verdadeira piedade, de sorte que pelo exemplo estejam em condições de acolher cordialmente os novos membros.

b) Que cada membro procure irradiar fraternal amizade, felicidade e sincero interesse cristão pelos outros.

c) Que cada novo membro seja imediatamente integrado nalguma fase activa do programa da igreja. «Deve ser designada uma tarefa a todos os que entram em nossas fileiras pela conversão». *Testimonies*, vol. 7, pág. 30.

## C. CONSERVAR

1. Empreender um esforço especial para eliminar as condições que contribuíram em

# Notícias do Campo

**Dr. David J. Parsons**

Após a ausência de alguns meses nos Estados Unidos, regressou em 16 de Janeiro ao Bongo o Dr. David J. Parsons, acompanhado de sua Esposa e Filhos.

## Benguela e Lobito

Estamos muito gratos a Deus por tudo quanto Ele permitiu que se realizasse, dentro do ano de 1967, neste campo de Benguela e Lobito.

Não só terminámos o ano com 28 baptisamos como o trabalho missionário se mostra prometedor para o ano de 1968.

O ano de 1968 iniciou-se no Lobito com uma modalidade nova no nosso país.

tão grande medida para as apostasias do passado.

a) Que os membros desenvolvam um interesse cada vez maior uns pelos outros, particularmente por aqueles que podem ter necessidade de um encorajamento especial.

b) Que seja dado um cuidado particular à preparação dos candidatos antes de estes serem baptizados ou rebaptizados.

c) Que cada membro de igreja esteja continuamente ocupado no trabalho da salvação das almas, lembrando-se que «onde não há activo trabalho em benefício de outros, o amor desaparece e define a fé». *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 614.

d) Que o Pastor esteja à frente da actividade «Interesse», cuidando fielmente do rebanho. Isso reclama frequentes visitas pessoais e um ministério de pregação que por temas vitais e práticos da Palavra de Deus preparará um povo para a Segunda Vinda de Jesus.

III — Que a difusão dos pacotes «Interesse» se efectue pelas casas Publicadoras da denominação e que a Associação Pastoral de cada União seja a sua promotora.

— Trim... Trim... Trim...  
— Daqui escuta Bom Samaritano. Queira dizer.  
— Fala-lhe uma pessoa desesperada...

As chamadas sucedem-se. Casos graves, gravíssimos.

Uma jovem de 15 anos que deu um mau passo e pede conselho.

Outra com um filho nos braços, a quem o pai nega a paternidade.

Um chefe de família assediado por uma mulher casada, que pede um conselho.

Alguém que, traído, quer pôr termo à vida.

Pessoas moralmente abatidas.

Um filho pródigo arrependido.

E o telefone toca, volta a tocar. Três, quatro ou cinco chamadas por dia.

Palavras de conforto, orientação e oração levam a essas almas um pouco de bálsamo.

— Obrigado, Bom Samaritano, sei que devo permanecer fiel a minha mulher e olhar pelos meus filhos.

— Oh! quanto suas palavras suavizaram minha ferida!

— Voltarei a telefonar. Obrigado pelo conforto e orientação recebidos.

Um telefone anónimo escutando vozes anónimas.

Queira Deus abençoar este trabalho e colocar nos lábios de quem o dirige palavras sábias, e que essas almas possam encontrar o conforto e alívio de que necessitam e possam encontrar o Caminho, a Verdade e a Vida.

*José Pedro Falcão Sincer*

## Livro do Ano

Pelo Conselho da União ficou votado adoptar como livro do ano o livro «Patriarcas e Profetas», de E. G. White, ao preço especial de 60\$00.

## Assunto de Estudo para 1968

Pelo mesmo Conselho é-nos recomendado que façamos do assunto «O Santuário» o tema especial de nossos estudos pessoais e de nossas Convenções de Obreiros.

## Visado pela Censura

# Calendário Adventista para 1968

- |                 |   |
|-----------------|---|
| 20 de Janeiro   | — Dia da Liberdade Religiosa  |
| 3 de Fevereiro  | — Dia das Actividades Leigas (Cruzada de Estudos Bíblicos)  |
| 17 de Fevereiro | — Dia do Lar  |
| 24 de Fevereiro | — Dia da Educação (OFERTA PARA A ESCOLA DA ESPANHA)   |
| 2 de Março      | — Dia da Cruzada Missionária  |
| 9 de Março      | — Dia da Escola Sabatina (1.ª OFERTA PARA O EVANGELISMO MUNDIAL)  |
| 16 de Março     | — Dia dos Missionários Voluntários  |
| 16-23 de Março  | — Semana de Oração dos M.V. (Europeus)<br>OFERTA PARA OS PROJECTOS M.V. DA UNIAO  |
| 6-13 de Abril   | — Semana de Oração dos M.V. (Nativos)<br>OFERTA PARA OS PROJECTOS M.V. DA UNIAO   |
| 4 de Maio       | — Dia da Sociedade de Dorcas  |
| 11 de Maio      | — Dia Pró-Escritos do Espírito de Profecia<br>OFERTA A FAVOR DAS VÍTIMAS DA FOME E DOS CATACLISMOS                        |
| 1 de Junho      | — Dia da Voz da Profecia — Inscrições para o Curso Bíblico por Correspondência<br>OFERTA PARA O FUNDO DE RÁDIO DA DIVISÃO |
| 8 de Junho      | — Dia dos Desbravadores M.V.  |
| 13 de Julho     | — 2.ª OFERTA PARA O EVANGELISMO MUNDIAL   |
| 3 de Agosto     | — OFERTA PARA A EVANGELIZAÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS  |
| 7 de Setembro   | — Dia das Publicações   |
| 14 de Setembro  | — Dia da Promoção da Bíblia (OFERTA)  |
| 12 de Outubro   | — Dia das Visitas da Escola Sabatina  |
| 26 de Outubro   | — Dia da Temperança (OFERTA)  |
| 2-9 de Novembro | — Semana de Oração e Sacrifício (OFERTA ANUAL)  |
| 14 de Dezembro  | — Dia do Boletim Adventista   |